

Verbas para educação e saúde caíram desde 1950

2 * JUL 1996 O GLOBO

• Educação e saúde são as primas pobres do Orçamento da União. A primeira está recebendo do Governo, de 96 até 99, 5,17% do total dos gastos federais. O contracheque da segunda no período é ainda mais magrinho: 4,72%. As duas invejam a gorda parte destinada à energia e às telecomunicações no plano pluri-anual divulgado no início do ano: 21,59% e 18,19%.

O pior é que nem sempre foi assim. Segundo os dados que a revista "Conjuntura Econômica" da Fundação Getúlio Vargas (FGV) publica em sua edição de julho, desde os anos 50 a parte destinada à educação e à saúde no orçamento vem decaindo.

Botsuana investe mais em educação do que o Brasil

As duas áreas nunca foram, é verdade, primas ricas no Brasil, como são, surpreendentemente, até mesmo em Botsuana, onde recebem um total de 25,70% do orçamento público. Mas dos anos 50 aos anos 70, tiveram direito a maior consideração por parte do Governo. Nos anos 50, a educação recebeu uma média de 5,27%; nos anos 70, chegou a 8,30%. Em 1995, porém, ficou com 2,51%. A saúde, por sua vez, recebeu

5,27% nos anos 50 e 6,70% na década de 70. Ano passado, recebeu 4,29%.

— A partir dos anos 50, houve um violento processo de estatização de setores. O Governo passou a administrar áreas que estavam sob responsabilidade da iniciativa privada, como ferrovias, energia e telecomunicações. Com isso, começou a faltar dinheiro para outros setores — explica o professor Ib Teixeira, que assina o artigo publicado na "Conjuntura Econômica".

Quem veio juntar-se ao grupo dos pobres do orçamento foi a defesa. Ricaça nos anos 50 — recebendo cerca de 33% dos gastos do Governo — a rubrica "Segurança pública" nunca mais teve o mesmo prestígio. Agora, representa apenas 5,85% dos investimentos previstos até 1999.

Segundo Teixeira, se compararmos a média das despesas com defesa realizadas na década de 90 — 2,87% — veremos que ela é cerca de 30 pontos percentuais menor do que a despesa de 1951, quando o país gastou 31,06% da verba na área.

Apesar da importante diferença percentual, Teixeira observou que o valor do orçamento cresceu muito no período. ■